

## **Modernização *versus* Tradição: um paradoxo brasileiro?**

**Autora: Marina Mazze Cerchiaro**

**1º Semestre/2012**

### **Roteiro de atividades didáticas**

#### **Atividade 1 - Charges sobre a Copa do Mundo que será realizada no Brasil em 2014**

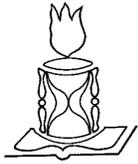
**Objetivos:** Introduzir o debate sobre modernidade e atraso brasileiro por meio da discussão de charges a respeito do Brasil ser sede da Copa do Mundo em 2014.

**Previsão de desenvolvimento:** Uma aula de 45 minutos.

**Recursos necessários:** Recomenda-se o uso de retroprojektor ou data show.

#### **Dinâmica utilizada**

Propõe-se começar a conversa perguntando o que significa para um país ser sede da Copa do Mundo. Procure deixar claro que ao ser sede da Copa o país passa a chamar para si a atenção da comunidade internacional e também investimentos em infraestrutura, mobilizando a economia. Prossiga pedindo para os alunos dizerem suas expectativas em relação à Copa no Brasil, ela vai dar certo? Peça para os estudantes comentarem as notícias que tem visto na televisão, jornais ou revistas sobre a Copa, a imprensa tem trazido visões positivas ou negativas sobre a Copa no Brasil, em termos de estrutura e capacidade? Procure direcionar o debate não para a questão do futebol e sim para as representações que os alunos têm sobre o país.



Em seguida, propomos que seja feita uma discussão conjunta de três charges sobre a Copa do Mundo no Brasil, apresentadas abaixo, para introduzir a questão do atraso brasileiro. A intenção é mostrar que a representação do Brasil como país atrasado, e não moderno, ainda está muito presente nos meios de comunicação e constitui o modo pelo qual pensamos questões cotidianas relacionadas ao nosso país.

A primeira charge permite levantar quais as representações dos alunos sobre por que a Copa no Brasil não será bem sucedida. Cabe ver se os argumentos dos alunos durante o debate vão mais no sentido de deficiências econômicas, estruturais e de gestão ou se também se ligam a uma noção de cultura e povo brasileiro.



Fonte: <http://blogs.lancenet.com.br/charges/2010/07/08/ah-se-esse-logotipo-falasse/>



A segunda charge traz críticas da FIFA e joga a responsabilidade do atraso na CBF, ou seja, em um corpo administrativo. Propomos aprofundar o debate: o atraso da copa estaria apenas relacionado a uma má gestão, como mostra a charge, ou também traz uma ideia simbólica que temos do país?



Fonte: <http://www.ocaricato.com.br/index.php/2010/11/charges/>

A última charge relaciona o atraso ao povo brasileiro. Como ela o faz por meio de personagens da literatura da década de 20 e 30, permite ao professor mostrar que o debate sobre o atraso brasileiro não é algo atual, mas uma construção histórica. Propomos explicar para os alunos quem são os personagens Macunaíma e Jeca Tatu e de que modo eles estão associados a uma concepção de povo brasileiro como povo atrasado e preguiçoso. Deve-se enfatizar que essa é uma representação da elite que procura colocar no povo a responsabilidade da falta de modernidade e progresso do país. Para ajudar o professor a situar os personagens, colocamos um boxe com a síntese de um texto que pode embasar melhor a discussão.

Por meio dessa charge também é possível trazer o debate modernista sobre atraso e modernização. Mostre que segundo esse pensamento o modelo de civilização é o europeu e o povo brasileiro, não correspondendo a esse padrão, precisando se modificar e se



atualizar. Assim, a Copa é algo relacionado a países de primeiro mundo e seria impossível de ser realizada em um país onde o povo é preguiçoso, vítima de mazelas sociais e responsável pelo atraso da nação. Problematize com os alunos essa ideia. Por que desde 1920 até hoje ainda nos pensamos como um país atrasado que precisa se modernizar?

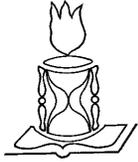
Durante as aulas o intuito será mostrar como essa noção é fruto de um debate sociológico, que foi aos poucos se tornando senso comum e está intrinsecamente ligado ao modo como o brasileiro pensa a si próprio.



Fonte: <http://www.nanihumor.com/2010/05/atraso-na-preparacao-da-copa-2014.html>

Jeca Tatu, personagem de Monteiro Lobato é um símbolo do povo brasileiro. Inicialmente foi criado como representação do trabalhador rural, sujeito relacionado à preguiça, às mazelas nacionais e inapto à civilização. Pode ser interpretado como modo pelo qual a elite vê o povo do Brasil: o responsável pelo atraso em relação as nações consideradas “civilizadas”. De 1910 a 1940, Lobato vai dando maior profundidade ao personagem e aos poucos desloca da figura do Jeca a culpa pelas mazelas sociais e coloca-a como responsabilidade das elites. Assim, Jeca Tatu passa a ser um doente desassistido pelo Estado, depois representa o Brasil agrário e rural em oposição ao meio urbano e industrial e por fim torna-se o trabalhador explorado de um país que sofre espoliação internacional. No entanto, a imagem do Jeca Tatu que tende a predominar ainda hoje é a imagem de um homem avesso à civilização e símbolo do atraso e mazelas do Brasil.

Referência: SILVA, Roberto Bitencourt da. O “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato: Identidade do Brasileiro e Visão do Brasil. 19&20, Rio de Janeiro, v. II, n. 2, abr. 2007. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/resenhas/jecatatu\\_rb.htm](http://www.dezenovevinte.net/resenhas/jecatatu_rb.htm)>.



**Atividade complementar:** caso o professor queira aprofundar a discussão modernista sobre atraso e modernidade, recomenda-se contrapor Macunaíma ao Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade (<http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>) com base nas posições de Mário e Oswald sobre o tema, comentadas no artigo.

### **Atividade 2 – O homem “cordial” de Sérgio Buarque de Holanda**

**Objetivos:** Discutir o conceito de “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda. A proposta é explicar o conceito e mostrar que ele está associado, ainda hoje, ao modo como vemos o Brasil. Problematizar essa noção e levar a reflexão de porque ainda hoje pensamos o brasileiro como o “homem cordial”. Para tanto, utilize trecho do filme “Raízes do Brasil” (parte 2), disponível no youtube [http://www.youtube.com/watch?v=rPv65Xk\\_R8M](http://www.youtube.com/watch?v=rPv65Xk_R8M) e de passagem do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

**Previsão de desenvolvimento:** Uma aula de 45 minutos

**Recursos necessários:** Recomenda-se uso de aparelho de vídeo, ou notebook e caixas de som. O trecho do livro pode ser passado na lousa e entregue aos alunos em folha impressa, ou ainda exibido em retroprojetor, ou data show.

### **Dinâmica utilizada**

A proposta é exibir o trecho (33:08 a 37:56) da cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda para contextualizar o período em que ele escreve o livro “Raízes do Brasil” e introduzir algumas ideias de sua obra.

Recomenda-se ao professor, após exibição do filme, retomar as partes em que são lidos trechos do livro *Raízes do Brasil*. Por exemplo, explicar porque Sérgio Buarque diz que em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a menos que por razão de força exterior. Nessa passagem, o autor trata da herança ibérica que teria particularidades em relação a outros países da Europa. Essas características ibéricas teriam dificultado o surgimento de um governo coeso. Assim, em um lugar onde todos acreditavam ter privilégios pessoais que os colocam acima das leis, é impossível haver um governo



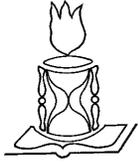
durável, a menos que haja uma organização em resposta a uma força externa, provocada pelo medo. É isso que Sérgio percebe ao tratar do povo português. Em uma pequena ilha, onde todos acreditam deter privilégios, um governo só é possível devido às diversas ameaças externas exercidas por outras nações europeias. Esse espírito ibérico foi trazido para o Brasil, aqui frutificou, constituindo uma das características do “homem cordial”.

Outra passagem lida no filme trata da democracia. Ela seria, no Brasil, “um lamentável mal-entendido”. Foi importada por elites políticas e, ao invés de promover a extinção de privilégios e a obediência às leis, foi uma forma pela qual essas elites conseguiram acomodar seus privilégios. Assim, Sérgio Buarque vê a democracia e o liberalismo como valores importados do exterior, que foram implantados sem saber até que ponto se ajustariam ao contexto de nosso país e sem pensar nas mudanças que as condições brasileiras lhes imporiam. Para o autor, a democracia jamais se naturalizou no Brasil, uma vez que foi trazida por uma aristocracia rural que acomodou seus privilégios nesse novo sistema.

A última passagem citada no trecho se refere à definição de Sérgio Buarque de “homem cordial”. Recomendamos ao professor apresentar a passagem inteira, pois não é lida em sua completude no filme. Explicar o conceito de “homem cordial” a partir da interpretação do trecho do livro. Mostrar que, para o autor, o “homem cordial” é o homem brasileiro que tem como características a hospitalidade e a generosidade, influenciado por padrões rurais e patriarcais de convívio, no qual predominam uma afetividade aparente – que é oposta à polidez. Mostre que para Sérgio, a democracia, o Estado e o mercado trazem valores opostos ao da cordialidade, pois requerem racionalidade, elementos normativos, subordinação de privilégios pessoais às leis e caráter de impessoalidade.

Ressaltar, também, que Sérgio Buarque faz um questionamento importante para a sociologia e política vigentes no período: antes de importar sistemas vindos do exterior como o Estado, o mercado e a ciência, faz-se necessário conhecer sua própria sociedade. Caso contrário, esses sistemas serão implantados de cima para baixo, não serão genuínos e se tornarão apenas uma fachada de modernidade que esconde um sistema pessoalista e patriarcalista de relacionamento.

Discuta com os alunos se há situações em que ainda nos vemos como “homem cordial”. A imprensa está cheia de exemplos a esse respeito, o mais evidente é o dos escândalos de



corrupção e provavelmente será citado pelos alunos. Caso o seja, pontue que a corrupção existe em todas as democracias e não apenas na brasileira. A ideia é mostrar que esse conceito está no modo cotidiano pelo qual nos pensamos e ao mesmo tempo problematizar esse modo de nos entendermos.

Chame a atenção dos alunos para o período em que Sérgio Buarque escreve. Até 1930, o país vivia a política do “Café com Leite” onde as oligarquias paulistas e mineiras dominavam a política nacional, usando-se do governo para fortalecer seus privilégios. Em 1930, há a Revolução de 30 e Getúlio Vargas sobe ao poder com intuito de superar crises econômicas e reformar instituições. Em 1932, como mostra o vídeo, ocorre a Revolução Constitucionalista que contesta a retirada de autonomia dos Estados, executada pelo governo Vargas. No mesmo ano da publicação de *Raízes do Brasil*, acontece a instauração do regime ditatorial do Estado Novo. Em um contexto como esse, a democracia brasileira não era estável, havendo sentido questionar quais particularidades do país colocavam obstáculos à democracia. No entanto, problematize com os alunos: por que, em um regime democrático já com certa estabilidade, como no caso atual, ainda nos pensamos como “homens cordiais”?

Outro ponto interessante de ser debatido é o relevante questionamento que Sérgio Buarque faz: por que queremos importar valores modernos e dirigir nossas políticas nessa direção, sem saber se esses valores farão sentido em nossa sociedade?

### **Raízes do Brasil 2: uma cinebiografia**

Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=rPv65Xk\\_R8M](http://www.youtube.com/watch?v=rPv65Xk_R8M)

Trecho: 33:08 a 37:56



Trecho:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o "homem cordial". A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar "boas maneiras", civilidade. São, antes de tudo, expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Na civilidade, há qualquer coisa de coercitivo - ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças. (...) (p. 146-147)

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

### **Atividade 3 – O pensamento de Roberto Damatta**

**Objetivos:** Introduzir o pensamento de Roberto DaMatta sobre o paradoxo modernização X atraso brasileiro por meio do romance *Dona-flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado. Mostrar pela oposição dos personagens Vadinho e Teodoro, o Brasil da personalidade e o Brasil da impessoalidade. Discutir se esses dois brasis, apesar de opostos, podem ser unidos, assim como Flor faz com seus dois maridos.

**Previsão de desenvolvimento:** Uma aula de 45 minutos.



**Recursos necessários:** Imagem da capa do filme “Dona-Flor e seus dois maridos”, com José Wilker, Sônia Braga e Mauro Mendonça, edição espanhola e trechos do livro *Dona-Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado. Recomenda-se retroprojektor ou data show para projetar a imagem e a impressão dos trechos do romance.

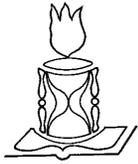
### **Dinâmica utilizada**

Por meio do romance **Dona Flor e seus dois maridos**, em particular dos personagens Vadinho e Teodoro, explicar os dois tipos de Brasil, o da personalidade e o da lei, dos quais trata Roberto DaMatta. Para introduzir a discussão, propõe-se apresentar a imagem da capa do filme, versão espanhola de “Dona-Flor e seus dois maridos”. Recomenda-se ao professor perguntar se os alunos conhecem o romance e os personagens apresentados na imagem. A ideia é pedir aos estudantes que, por meio da imagem, tragam características dos dois homens nela retratados. Sugere-se escrever na lousa as características levantadas, pois elas nortearão toda a discussão e servirão também para conceituar os dois brasis dos quais fala DaMatta.

Em seguida, introduzir o romance de Jorge Amado, começando por caracterizar o período da trajetória do autor em que ele está inserido. Não se refere à fase mais voltada ao comunismo, com forte dualidade moral, mas à fase de maturidade, na qual opta pelas relações e entrecruzamentos de opostos.

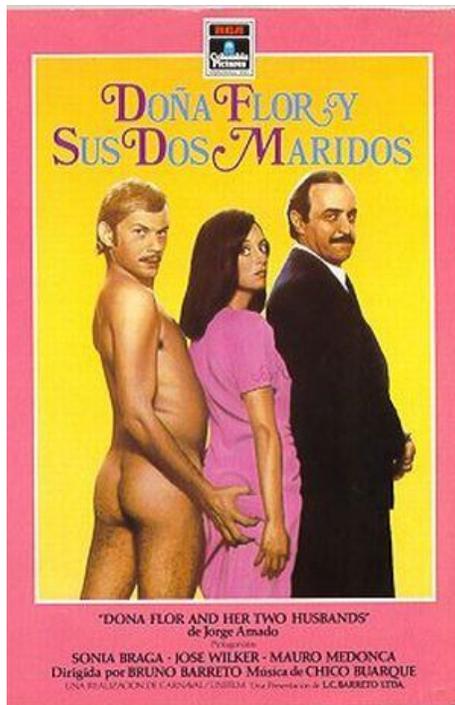
Leia com os alunos trechos do romance de Jorge Amado *Dona-Flor e seus dois maridos*. Sugerimos algumas passagens do romance (abaixo) relacionadas aos quatro momentos do livro propostos por DaMatta. Caso queira deixar a leitura mais dinâmica, o professor pode dividir a sala em grupos e pedir que os alunos interpretem os trechos em pequenas esquetes ou em jograis.

Após a leitura dos trechos e ambientação da história, propomos complementar as características listadas a partir da imagem. Mostre que Vadinho está ligado à personalidade, à malandragem, à solidariedade, ao movimento e à desordem. Teodoro, em oposição, é



metódico, comedido, impessoal, traz consigo a lei e a ordem e está relacionado à ciência, ao saber sistematizado.

Discuta com os alunos que, para ser feliz, Flor precisava dos dois homens, pois assim se completava. Relembre com os alunos a atividade anterior sobre o conceito de “homem cordial”. De certa forma, Vadinho corresponderia ao homem cordial que se opõe a Teodoro, que pode ser pensado como um estereótipo da ciência, da lei e do Estado. Sendo que o Brasil não é só feito de relações pessoais, mas também de lei e impessoalidade, coloque para discussão: Se Flor conseguiu unir Vadinho e Teodoro, não seria possível unir o “homem cordial” com a democracia e o mercado? Reunir a impessoalidade e a personalidade? É possível trazer esse espírito alegre, criativo e malandro de Vadinho e do povo brasileiro para a construção de um projeto político?

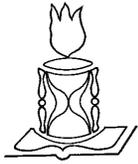


Capa do filme Dona-Flor e seus dois maridos, versão espanhola.

### Trecho 1

“ Vadinho, o primeiro marido de dona Flor, morreu num domingo de carnaval, pela manhã, quando, fantasiado de baiana, sambava num bloco, na maior animação, no Largo Dois de Julho, não longe de sua casa. Não pertencia ao bloco, acabara de nele misturar-se, em companhia de mais quatro amigos, todos com traje de baiana, e vinham de um bar no Cabeça onde o uísque correra farto à custa de um certo Moysés Alves, fazendeiro de cacau, rico e perdulário

(...)



No outro dia, às dez da manhã, saiu o enterro, com grande acompanhamento. Não havia bloco nem rancho naquela manhã desegunda-feira de carnaval capaz de comparar-se em importância e animação com o funeral de Vadinho. Nem de longe.

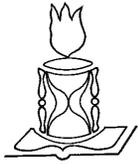
- Espie... pelo menos espie pela janela... - disse Dona Norma a Zé Sampaio, desistindo de arrastá-lo ao cemitério -... espie e veja o que é o enterro de um homem que sabia cultivar suas relações, não era um bicho do mato como você... Era um capadócio, um jogador, um viciado, sem eira nem beira, e, entretanto, veja... Quanta gente e quanta gente boa... E isso num dia de carnaval... Você, seu Sampaio, quando morrer não vai ter nem quem segure a alça do caixão..." ( pag. 3 e 21).

## Trecho 2

“

Agora, estendida no leito de ferro, Dona Flor buscava não ouvir o matraquear de Dona Rozilda a na porta da rua, em animada palestra com Dona Norma, para melhor recolher na memória perdida, na distância do tempo, as vozes dos cantores, o ritmo dos instrumentos, aquela emocionante serenata da Ladeira do Alvo; para encher suas horas e conter seu coração nessas noites não mais de espera pois ele morrera, seu marido. Contava agora tão somente com um mundo de lembranças, nele recolhida, refugiada em recordações, cinzas com que apagar a brasa do desejo vivo. Como se houvesse erguido um muro de clausura, a separá-la do cochicho e do mexerico, das conversas e dos comentários, de quanto perturbasse sua viuvez recente, aquela nova realidade de ausência. Nos tempos iniciais do nojo, movia-se apenas na dor e na ânsia, na necessidade e na impossibilidade de tê-lo ali, a seu lado. Impossível para sempre e nunca mais. Abafando, sob a música e o canto recordados, a voz e o escárnio de Dona Rozilda, abrigava-se, Dona Flor nas lembranças do passado: naquela noite chegara à janela com os primeiros acordes. Doía-lhe o corpo, o couro cru fizera-lhe um lanho no pescoço, ela era um trapo, um trapo batido e aviltado.

(...) Com a lembrança de noites assim, de luar e ternura, Dona Flor, insone, tenta aplacar a dor e o desespero de saber que nunca mais Vadinho virá tocar e acender as brasas de seu corpo. Na noite longa de espera, não voltará a ouvir na rua a sua voz desafinada, em outras serenatas. Acontecia quando Vadinho, tendo excedido todos os limites noites seguidas sem dormir em casa ou como naquela vez em que, ainda recém-casados, jogara o dinheiro do aluguel e nada lhe dissera, fazendo-a passar por caloteira -, queria fazer as pazes, pois Dona Flor, nessas ocasiões, deixava de se dirigir a ele, desconhecendo sua presença, como se não tivesse marido. Inquieto, Vadinho rondava suas saias, com palavras adulatoras, convites e provocações para excitá-la e conduzi-la a vadiar. Nas trincheiras da mágoa e do vexame, resistia Dona Flor. Vadinho apelava para as grandes cartadas: ir com ela ao cinema, acompanhá-la a pagar visita há tanto tempo devida a Dona Magá ou ao padrinho de Heitor, doutor Luís Henrique. Ou bem organizava uma serenata, vinha acalantar seu sono, deslumbrando a rua. (...). Agora também já não viria, e nunca mais, ai nunca mais! Vadinho. Nem sua voz, nem seu riso de deboche, nem sua mão corrida, sua mata de pelos loiros, seu atrevido bigode, nem seu sono de fichas e paradas. Dona Flor já não tinha sequer a espera dolorosa. O que não se dispunha a pagar para novamente caber-lhe o direito ao sofrimento de aguardá-lo, à agonia de escutar o silêncio noturno da rua pacata, de sentir o passo do marido, incerto no peso da cachaça. (pag. 115 a 116) “



### Trecho 3

“ Teve assim o segundo casamento de Dona Flor quanto faltou ao primeiro; regido, a rogo dos noivos, por Dona Norma, com proficiência e escrúpulo, viu-se cada coisa em seu lugar, na devida hora, tudo de boa qualidade e por preço acessível, tendo ela contado para tal sucesso com a ajuda entusiasta da vizinhança em peso.(254)

(...)

Sempre fora considerada e se considerara dona Flor boa dona de casa, ordeira e pontual, cuidadosa. Boa dona de casa e boa diretora de sua Escola de Culinária, onde acumulava todos os cargos, contando apenas com a ajuda da empregada broca e esmorecida e a assistência amiga da pequena Marilda, curiosa de pratos e temperos. Nunca lhe ocorrera reclamação de aluna, incidente a toldar o sossego das aulas. A não ser, é claro, os acontecidos quando do primeiro esposo pois o finado, como se está farto de saber, não era de ter consideração por horário, por trabalho alheio ou por melindres de alfenim; seus deboches com alunas por mais de uma vez criaram dificuldades e problemas para dona Flor, dores de cabeça, quando não enfeites de duro corno.

Ah! em verdade, ela, dona Flor, não possuía noção de regra e método, andava longe de ter ordem em casa e na Escola e, em sua existência, medida e pauta, como devera! Foi-lhe necessário viver com doutor Teodoro para dar-se conta de como sua ordem era anarquia, seus cuidados tacanhos e insuficientes, de como ia tudo mais ou menos ao deus-dará, a la vontade, sem lei e sem controle.

Não decretou doutor Teodoro lei e controle de imediato e com severidade; nem sequer falou em tal. Sendo homem tranquilo e suspicaz, de educação cutuba, nada sabia impor e não impunha; no entanto tudo obtinha sem estardalhaço, sem que os demais se sentissem violentados; um fode-mansinho o nosso caro farmacêutico. (pg. 276 a 277)

(...)

Dos hábitos antigos, vindos do primeiro casamento, foi mantido o almoço dominical no Rio Vermelho com os tios, e nenhum outro (também nos tempos do primeiro casamento não tinham quase hábitos, só a barafunda e o imprevisto).

Modificaram-se os costumes, a vida adquirindo não só movimentação como estabilidade, vida plácida e amena. Vida feliz, na opinião geral da vizinhança e no sorrir de dona Flor, concorde.

Às quartas-feiras e aos sábados, às dez da noite, minuto mais, minuto menos, doutor Teodoro tomava da esposa em honesto ardor e em prazer constante, sendo certo o bis aos sábados e facultativo às quartas-feiras.

Dona Flor, na desordem de certos hábitos anteriores, a princípio estranhou a discrição a envolver e a comandar a porfia de amor no leito de ferro sobre o novo (e espetacular) colchão de molas. (...)” (pg.285)



#### **Trecho 4**

“- Você está pálido e cansado, te acho magro. É que você não tem dormido, nessa vida de jogo e de orgia. Precisa de descansar, meu amor.

Isto ela lhe disse num intervalo de carícias lentas, após o embate de fogo e tempestade. Vadinho pálido, muito pálido, como se lhe fosse o sangue, mas sorridente:

- Cansado? Um pouquinho só. Mas tu não imagina como tenho rido às custas de Pelancchi. Daqui a pouco...

- Daqui a pouco? Você vai para o jogo? Não vai ficar comigo a noite toda?

- A nossa noite é agora. Depois, meu bem, é a vez de meu colega, o outro teu marido.

Dona Flor se encheu de brios, reformulando decisões dramáticas:

- Com ele nunca mais... Como ia poder? Nunca mais, Vadinho. Agora só nós dois, tu não vê logo?

Ele sorriu na maciota, no leito estirado à la godaça:

- Meu bem, não diga isso... Você adora ser fiel e séria, eu sei. Mas isso se acabou, para que se enganar? Nem só comigo, nem só com ele, com nós dois, minha Flor enganadeira. Ele também é teu marido, tem tanto direito quanto eu. Um bom sujeito este teu segundo, cada vez gosto mais dele... Aliás, quando cheguei, te avisei que a gente se ia dar bem, os três.

- Vadinho!

- O que é meu bem?

- Você não se importa que eu te ponha chifres com Teodoro?

- Chifres? – passou a mão na testa lívida – Não, não dá para nascer chifres. Eu e ele estamos empatados, meu bem, os dois temos direito, ambos casamos no padre e no juiz, não foi? Só que ele te gasta pouco, é um tolo. Nosso amor, meu bem, pode ser perjuro se quiseres, para ser ainda mais picante, mas é legal, e também o dele, com certidões e testemunhas, não é mesmo? Assim, se somos ambos teus maridos e com iguais direitos, quem engana a quem? Só tu, Flor, enganas aos dois, porque a ti, tu não te enganas mais.

- Engano os dois? A mim não me engano mais?

- Gosto tanto de ti – oh! voz de celeste acento dentro dela a ressoar – com amor tamanho que para te ver e te tomar nos braços, rompi o não e outra vez eu sou. Mas não queiras que eu seja ao mesmo tempo Vadinho e Teodoro, pois não posso. Só posso ser Vadinho e só tenho amor para te dar, o resto todo que necessitas quem te dá é ele; casa própria, a fidelidade conjugal, o respeito, a ordem, a consideração e a segurança. Quem te dá é ele, pois o seu amor é feito dessas coisas nobres (e cacetes) e delas todas necessitas para ser feliz. Também de meu amor precisas para ser feliz, desse amor de impurezas, errado e



torto, devasso e ardente, que te faz sofrer. Amor tão grande que resiste à minha vida desastrada, tão grande que depois de não ser voltei a ser e aqui estou. Para te dar alegria, sofrimento e gozo aqui estou. Mas não para permanecer contigo, ser tua companhia, teu atento esposo, para te guardar constância, para te levar de visita, para o dia certo do cinema e a hora exata de dormir – para isso não, meu bem. Isso é com o meu nobre colega de xibiu, e melhor jamais encontrarás. Eu sou o marido da pobre dona Flor, aquele que vai acordar tua ânsia e morder teu desejo, escondido no fundo do teu ser, de teu recato. Ele é o marido da senhora dona Flor, cuida de tua virtude, de tua honra, de teu respeito humano. Ele é a tua face matinal, eu sou tua noite, o amante para o qual não tens jeito nem coragem. Somos teus dois maridos, tuas duas faces, teu sim, teu não. Para seres feliz precisas de nós dois. Quando era eu só, tinhas meu amor e te falava tudo, como sofrias! Quando foi só ele, tinhas de um tudo, nada te faltava, sofrias ainda mais. Agora, sim, és dona Flor inteira como deve ser.” (pag. 435-436)

AMADO, Jorge. **Dona-Flor e seus dois maridos**. Rio de Janeiro: Record, 1997

#### **Atividade 4 – “Reeuropeização” em Gilberto Freyre**

**Objetivo:** Discutir os conceitos de sadomasoquismo escravo e de “reeuropeização” propostos por Gilberto Freyre e a junção desses dois conceitos, feita por Jessé Souza. Mostrar que no sistema de sobrados e mucambos, era possível a ascensão do escravo, desde que esse incorporasse os valores dominantes do senhor e se desfizesse o máximo possível de seus próprios valores. A partir daí, tratar da “reeuropeização” dos valores: os valores dominantes passam a ser os europeus e aqueles que melhor incorporarem esses novos modos de viver e de pensar conseguirão ascender socialmente, sejam eles brancos, mulatos ou negros. No entanto, a figura do negro escravo e seus costumes tornam-se o padrão do qual todos, inclusive ex-escravos desejam se distanciar.

**Previsão de desenvolvimento:** Três aulas de 45 minutos.

**Recursos necessários:** Recomenda-se o uso de retroprojetor ou data show e equipamento de vídeo, como notebook e caixas de som.



### **Dinâmica utilizada**

A atividade será dividida em três partes. Para a primeira, serão utilizados a imagem do quadro “Redenção de Cam”, de Modesto Brocos e o extrato tabuada das misturas, retirado do livro de Freyre, *Sobrados e Mucambos*. Pretende-se discutir a noção de embranquecimento.

Na segunda parte, podem ser discutidos os conceitos de embranquecimento social e sadomasoquismo escravo a partir do filme *Entre cantos e chibatas*, que traz comentários da antropóloga Lilia Schwarcz (disponível no youtube).

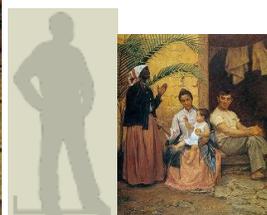
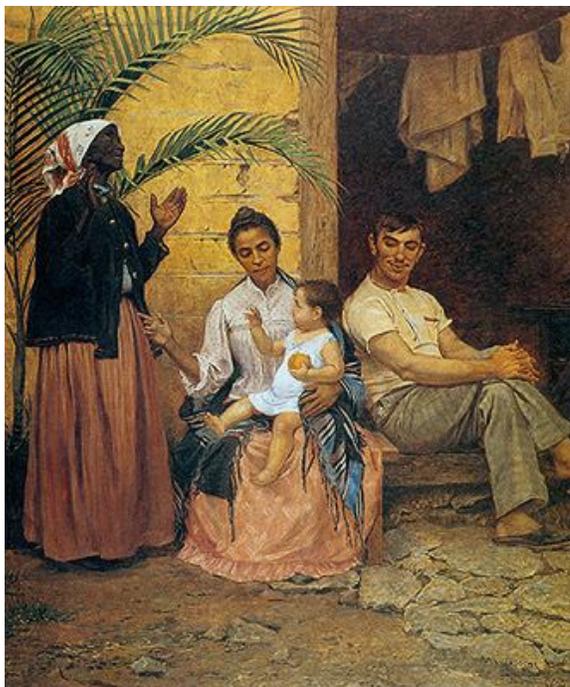
Para a terceira, serão utilizados trechos e fotografias retiradas do artigo *O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914*, de Lilia Schwarcz, sobre a trajetória de Lima Barreto, visando problematizar a junção das noções de sadomasoquismo e “reeuropeização”, proposta por Jêsse Souza.

### **Aula 1**

A ideia é introduzir, primeiramente, o conceito de embranquecimento a partir do fenótipo, para posteriormente demonstrar que ele também pode se dar de maneira social, por meio da incorporação de valores dominantes.

No quadro vemos três gerações: a primeira é representada por uma senhora negra, a segunda por uma mãe mulata e a terceira por uma criança branca. Já o texto, mostra diversas uniões que levam uma negra a ter um bisneto branco. Após analisar com os alunos a imagem e o texto sugerem-se algumas questões para debate: por que o filho de tantas misturas é branco? Por que o título do quadro é “redenção”? De que maneira essa “redenção” está relacionada à ascensão social? Embranquecer é algo apenas biológico ou também social?

Por meio do quadro “Redenção de Cam”, o professor também pode começar a introduzir a questão do sadomasoquismo escravo, ou seja, da desvalorização de si e valorização do padrão dominante, como forma de ascender socialmente. A senhora negra leva as mãos aos céus como sinal de agradecimento pelo neto branco. A partir daí, percebe-se que ela valoriza o fenótipo branco em detrimento de sua própria cor.



**Brocos, Modesto**  
**A Redenção de Cam**, 1895  
óleo sobre tela, c.i.d.  
199 x 166 cm  
Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro, RJ)  
Reprodução fotográfica César Barreto

Fonte: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=obra&cd\\_verbete=2830&cd\\_obra=3281](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=obra&cd_verbete=2830&cd_obra=3281)

### **Tabuada das misturas**

Para ficar branco

1 branco com uma negra produz mulato

Metade branco, metade preto.

1 branco com uma mulata produz quartão

Trez quartos branco, um quarto negro.

1 branco com uma quartã produz outão

7/8 branco e 1/8 negro.

1 branco com uma outona produz branco

Inteiramente branco

In: FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Global, 2004, pg. 778



## **Aula 2**

Para a segunda parte a proposta é aprofundar a ideia do embranquecimento, mostrando que ele também pode ser social e que pode se dar por meio da incorporação dos valores dominantes. Para trabalhar essa noção, propõe-se utilizar o vídeo *Entre Cantos e Chibatas*, disponível no youtube gratuitamente. Nele, a antropóloga Lília Schwarcz analisa fotos de negros da virada no século XIX, do acervo do Instituto Moreira Salles.

No primeiro trecho (parte 1, 00:00 a 02:00 min.) Lília comenta a foto *Negra com criança branca presa às costas* (1870), na qual uma escrava carrega um menino branco nas costas. A ideia é discutir a foto e a fala da professora, mostrando que a negra trata o filho do senhor como faria com seu próprio filho, o que não era usual. Ressalte a fala de Lília sobre as mucamas serem retiradas da foto ao longo do tempo, ficando só as crianças. Ao discutir esse trecho, procure mostrar que a mucama submete o filho do senhor aos seus valores, de certa forma valorizando seus costumes.

É interessante contrapor o primeiro trecho ao segundo (parte 2, 06:30 a 09:33). Na segunda foto, *Secagem de café na fazenda Quititi em Jacarepaguá*, de Georges Leuzinger (1870) vemos uma mucama carregando um menino negro nas costas, do modo como as escravas costumavam carregar seus filhos, o que permitia ter as mãos livres para trabalhar. Diferentemente, o filho do senhor, deveria estar na frente para ser observado. Na foto, veem-se também crianças negras e um menino branco. Discuta com os alunos as diferenças de posição social que estão colocadas na imagem. A ideia principal é mostrar que enquanto na primeira foto a mucama carrega o filho do senhor nas costas, na segunda, o filho do senhor está separado dos filhos da mucama e ela tem um ar submisso. O modo como a mucama trata o filho do senhor na segunda imagem reforça a diferença entre escravos e senhor enquanto na primeira imagem não, o menino branco é tratado da mesma forma que o menino negro, apresentado na segunda foto.

Já no terceiro trecho (parte 3, 11:57 a 12:50) a fotografia é a *Partida para a Colheita de Café* (1885), de Marc Ferrez. A proposta é trabalhar a figura do feitor. Como a foto traz escravos, feitor e senhor, é possível discutir por meio da imagem as semelhanças e diferenças entre o feitor e os escravos e entre feitor e senhor. Propõe-se debater com os alunos o papel do feitor, ressaltando que ele é um escravo, por vezes mulato, que adere aos valores do senhor como se fossem os seus próprios para conseguir se tornar um homem livre e, portanto,



ascender socialmente. Deixe claro que para isso ele precisa desvalorizar e oprimir a camada social da qual ele provém.

O último trecho (parte 2, 10:45 a 12:55) apresenta a foto *Henschel & Benque* (retrato, 1870) e permite mostrar uma forma um pouco mais sutil de incorporação dos valores dominantes. Ao analisar a imagem e os comentários, é importante ressaltar que as roupas e acessórios da escrava relacionam-se à família dos senhores, e que ao usar essas vestimentas, a escrava consegue entrar no álbum de família e, assim, ser incorporada, de certo modo, à camada social dominante. Um ponto bastante interessante de ser debatido é a fala de Lilia comparando a escrava vestida com roupas da senhora e a outra vestida com roupas africanas. As roupas permitem a primeira ser incluída, enquanto as da segunda retratam-na em seu caráter exótico, o que a excluí.

Para amarrar a discussão, mostre que em todos os trechos estão sendo abordada uma relação na qual o escravo pode ascender socialmente se assumir os valores do senhor. Essa prática abre possibilidades de diferenciação e mobilidade social, mas, por outro lado, reproduz a subordinação e baixa autoestima dos grupos dominados. Deixe claro que essa ascensão social é sempre individual e nunca coletiva. A proposta é trazer, por meio da relação senhor e escravo, o cerne da noção freyriana de sadomasoquismo, para depois mostrar que ela está presente também em outros contextos, como na relação entre o Brasil e as potências europeias.



### 1) Entre cantos e chibatas. Deusas e Mucamas (parte1)

Disponível online: <http://www.youtube.com/watch?v=oJ-oWxKDhW0>

Trecho de 00 a 02:00min

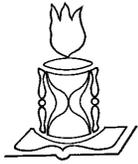


### 2) Entre Cantos e Chibatas. O Eito e a Casa-grande (parte 2).

Disponível online: <http://www.youtube.com/watch?v=HmU28Rn1A9c>

Trecho 06:30 a 09:33





### 3) Entre Cantos e Chibatas. Tipologia e Encenação (parte 3).

Disponível online: <http://www.youtube.com/watch?v=y2P9VtABG78>

Trecho 11:57 a 12:50

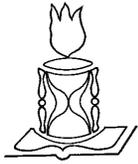


### 4) Entre cantos e chibatas. O Eito e a Casa-grande (parte 2).

Disponível online: <http://www.youtube.com/watch?v=HmU28Rn1A9c>

Trecho 10:45 a 12:55





### **Aula 3**

Na terceira parte pretende-se relacionar a noção de sadomasoquismo com a de “reeuropeização”. Explicar que, com a vinda da família real e com a abolição da escravidão, a estrutura da sociedade brasileira foi bastante modificada: foram introduzidos novos valores dominantes que passaram a ser os europeus. Foram implementados a máquina – nas relações produtivas –, o mercado e o Estado na sociedade brasileira. Por um lado, tanto o senhor quanto o escravo vão perdendo o papel que tinham na sociedade; por outro lado, o mestiço, intermediário dessa relação, passa a ser valorizado. É assim que surgem o mulato artesão – aquele que tem habilidades e disposição para aprender os ofícios mecânicos, que a inserção da máquina nas relações de trabalho demanda – e o mulato bacharel que passa a dominar a cultura letrada europeia, bem como usar roupas e acessórios europeus.

A proposta é discutir a relação entre sadomasoquismo e “reeuropeização” por meio da trajetória do escritor Lima Barreto, um mulato bacharel da virada do séc. XIX para o XX. Para embasar a aula, recomendamos ao professor a leitura do artigo de Lilia Schwarcz *O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914*, disponível online:

[http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/pdfs/ano1v1\\_artigo\\_lilia-moritz-schwarcz.pdf](http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/pdfs/ano1v1_artigo_lilia-moritz-schwarcz.pdf)

Apesar do artigo de Lilia Schwarcz focar mais na questão da loucura, é interessante para nossa discussão, pois permite ver a tentativa de incorporação dos valores dominantes e, ao mesmo tempo, o medo de se aproximar da figura do negro degenerado, o pária desta nova sociedade. Lima Barreto procura se aproximar o mais que pode de sua identidade de escritor e, portanto, dos valores europeus de modernidade. Seu cargo público, sua vida de escritor, jornalista e ativista político o relacionam à modernidade europeia e permitem a ele ascensão social. No entanto, o escritor, o tempo todo se debate com um estereótipo de negro do qual precisa se afastar: o do degenerado, viciado, doente e louco - que traz consigo tudo o que é oposto às políticas higienistas, à civilização e à modernidade europeia.

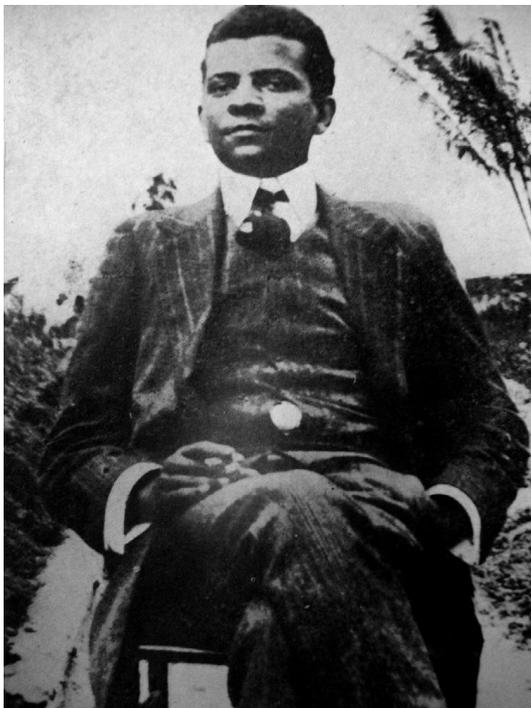
Assim, propomos a discussão de duas imagens de Lima Barreto e de dois trechos do texto de Lilia Schwarcz. A ideia é mostrar que enquanto Barreto estava associado à identidade de literato, de funcionário público e de jornalista, ele ocupava uma posição social digna e podia se aproximar da classe dominante. Talvez por isso, em sua primeira internação, tenha sido



classificado como branco. No entanto, ao se aproximar da identidade de negro (naquela época, considerado mais propenso à degeneração e à loucura), de alcoólatra e de filho de pai louco, Barreto passa a ser a escória da sociedade, pois apresenta tudo o que é avesso à civilização e à modernidade europeia. Talvez seja por isso que, em sua segunda internação, o escritor tenha sido classificado como negro.

É importante deixar claro que essas duas identidades de Lima Barreto estão relacionadas a uma nova forma de organização de valores dominantes e dominados. Aqueles que melhor incorporassem valores europeus podiam ascender socialmente, fossem eles brancos, mulatos ou negros. Por outro lado, a figura do ex-escravo – que não tem lugar na cadeia produtiva, em um novo mundo em que o trabalho é o principal valor – passa a ser a do pária, da qual todos querem distinguir-se. Esse passa a ser desvalorizado, não apenas por uma elite, mas por toda a sociedade, incluindo ele próprio.

Para concluir a atividade, propomos que o professor peça aos alunos para escreverem exemplos de seu cotidiano em que percebam a incorporação de valores dominantes e a desvalorização de seus próprios valores e identidade, por serem dominados. Diversos exemplos podem ser explorados, desde a valorização de produtos europeus em detrimento de produtos nacionais, até o caso de negras que alisam o cabelo, visando se aproximar de um padrão europeu de beleza. No entanto, a ideia é que os exemplos partam dos próprios alunos, para mostrar que ainda hoje a discussão é atual e está nas pequenas relações do cotidiano. A partir de alguns dos exemplos dos estudantes discuta oralmente quais valores dominantes são incorporados, quais identidades são desvalorizadas e quais as vantagens individuais dessa autodesvalorização.



**Lima Barreto.**

Foto tirada do livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.

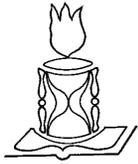
**Lima Barreto** nasceu em 1881 e faleceu em 1922. Perdeu a mãe cedo vítima de tuberculose. O pai trabalhava para a Imprensa Oficial e posteriormente na Colônia dos Alienados da Ilha do Governador onde vem a enlouquecer em 1902. Lima Barreto era mestiço e foi um intelectual atuante. Escrevia para jornais como *Correio da Noite* e *Gazeta da Tarde*. Foi autor de livros como o polêmico *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de 1909 – em que denunciava o racismo vigente no país e fazia críticas a imprensa – e do romance satírico *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de 1911, que traz passagens que remetem a experiências de sua própria vida, muitas relacionadas a seu pai. Barreto também teve papel atuante na campanha eleitoral de 1909 a 1910. Sua primeira internação se dá em 1914 no Hospício Nacional dos Alienados devido a problemas com alcoolismo. Lima Barreto passa por sucessivas internações no hospício, em dezembro de 1914, em dezembro de 1919 e em fevereiro de 1920. Escreve *Diário do hospício* e *Cemitério dos Vivos* em 1920, livro inacabado no qual, por meio de narrativa ficcional, conta a experiência vivida durante as internações no hospício.

Referências Bibliográficas: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914*. In: *Revista Sociologia e Antropologia*. V.1, nº1, julho de 2011.

### Trecho 1

Não é hora de refazer a biografia de Lima Barreto: nosso objetivo é apenas enfatizar como o escritor, no ano de 1914, não era personagem desconhecida. Ao contrário, começava a aparecer de maneira mais frequente nos jornais cariocas, já havia publicado um livro escandaloso, editado folhetins em periódicos, feito suas experiências como proprietário da *Floreal* e atuava na cena pública carioca como uma espécie de *enfant terrible*. Mesmo assim, não conseguiu deixar na sua ficha a classificação que mais lhe agradava e que em seu entender o definia; escritor. Em seus diários desabafaria: “Ah literatura ou me mata ou me dá o que peço dela” (Barreto, 1993: 24).

No seu prontuário, além da discriminação da profissão, causa estranheza a “cor”. Na ficha, contrariando o que a imagem evidencia, Lima Barreto é “branco”. Já na fotografia, por detrás das olheiras profundas, do ar altivo, dos olhos desviantes, se destaca sua cor amorenada e o cabelo pixaim. Aí está essa maneira nacional de agenciar a cor, e hoje será difícil saber quem a atribuiu nesse momento: se o funcionário zeloso em “branquear” a todos, ou o próprio escritor que em sua literatura sempre destacou o fato de ser negro. Pretendia



escrever uma história da escravidão, que nos diários chamou de um “Germinal negro”, além de, em seus romances e contos — sobretudo *Recordações do escrivo Isaias Caminha* ou *Clara dos Anjos* —, denunciar práticas de racismo e preconceito. Nos diários desabafou: “É triste não ser branco” (Barreto, 1998: 85). (SCHWARCZ, 2011, p. 128-129.)

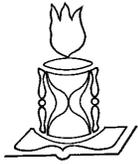


Lima Barreto, segunda internação.  
Acervo da Biblioteca do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, 1919.

## Trecho 2

De internação em internação o escritor luta entre afirmar sua identidade combatida de intelectual, de um lado, e o estigma da loucura, de outro. Indefeso para combater de frente as armas do questionário, Lima omite, se esquiva, não reage. Já fora do Hospital, e respaldado pelo terreno seguro da ficção, coloca na boca do seu personagem a reflexão que calou durante sua estada no hospício. Critica a política de “antecedentes” e a ideia de que a origem dos pacientes é sempre reveladora de sua “herança de taras ancestrais”; nega a autoridade e o orgulho do médico que “despreza as observações dos leigos e exerce sua profissão nesse “vago e nebuloso céu da loucura humana””. Num crescente, admite ser um “náufrago da sociedade”, um “rebotalho”, “um doente indigente”, “pária social”, para quem a constituição pouco se endereça (Barreto, 2010c: 243-245). (SCHWARCZ, 2011, p. 143-144)

SCHWARCZ, Lilia. O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914. In: *Sociologia & Antropologia*, v.1, nº1, 2011, pp.119-150.



### **Atividade 5 – Modernização brasileira**

**Objetivos:** Trazer o ponto de vista de Jessé Souza sobre a discussão modernização *versus* atraso brasileiro. A proposta é mostrar que dessa perspectiva o Brasil é moderno, pois procurou com afinco e êxito incorporar os valores europeus. Discutir que as mazelas brasileiras não são decorrentes da falta de modernização e sim da forma pela qual o país se modernizou.

**Previsão de desenvolvimento:** Uma aula de 45 minutos.

**Recursos:** Música “... e Você?” de Agostinho Ferreira da Silva, Gabriel O Pensador, Fabio Fonseca e Marcelo Mansur. Recomenda-se o uso de aparelho de som e data show ou retroprojetor para exibição da letra da música.

#### **Dinâmica utilizada**

Apresentar a música “... e Você?”, de Gabriel O Pensador, para discutir a nossa forma de modernização e os problemas que ela traz. Ao trabalhar a música, procure ressaltar os trechos em que ela trata da desvalorização da identidade brasileira e da incorporação de valores europeus.

É importante retomar a atividade anterior no sentido de mostrar que os brasileiros são sim modernos, já que desde o fim do século XIX procurou-se incorporar o máximo possível de valores europeus, pois isso permitia a ascensão social individual. Ressalte que essa incorporação de valores europeus e desvalorização da identidade brasileira foi tão profunda que, em última instância, faz com que não nos reconheçamos enquanto modernos. Procure mostrar que nossas mazelas sociais não são fruto da falta de modernização, mas de como ela foi realizada, excluindo uma parcela da população, a qual se foi negado o trabalho e se atribuiu a posição de pária social.

Debata com os alunos quais as implicações políticas da crença que o país é atrasado e deve se modernizar. Que relações entre dominados e dominantes ela reafirma? Organize um debate sobre o que aconteceria se, assim como na música de Gabriel O Pensador,



procurássemos reafirmar nossa identidade enquanto valor. Isso possibilitaria uma ascensão social coletiva? Promoveria mudanças em termos de políticas públicas? Durante o debate, pode-se discutir alguns exemplos de políticas afirmativas ou de movimentos sociais que têm tentado valorizar identidades dominadas e excluídas, como o movimento negro.

**Música: “...e Você?”**

*(Agostinho Ferreira da Silva/Gabriel O Pensador/Fabio Fonseca/Marcelo Mansur)*

Esse coração, tem servido e tem razão,  
tem respeito e tem valor  
No trabalho brasileiro, no trabalho  
verdadeiro, Gabriel o Pensador!  
Brasileiro é o que eu sou  
Rapper brasileiro  
Mas eu sou um brasileiro antes de ser  
rapper ou pagodeiro ou os dois ou  
nenhum  
Posso assimilar a cultura do mundo inteiro  
Mas sei que nasci no Rio de Janeiro -  
Brasil  
Então não seja imbecil de pensar que eu  
não poderia cantar assim ou assado  
Porque eu vou me expressar na forma e  
na hora que eu escolher  
Aqui ou em qualquer lugar  
Valorizando sempre as nossas  
Raízes Costumes Cultura musical em  
geral  
Então escuta o que eu digo pro  
americanizado débil mental  
(Você é um burro e não vê a excelente  
cultura e os costumes do seu próprio país  
E abre as pernas pro que os outros lhe  
impõe  
Sem camisinha ou vaselina como o Tio  
Sam sempre quis)  
Mas também não adianta o xenofobismo  
radical  
Eu vou jogar fora no lixo o que é ruim e  
usar o que é bom da cultura mundial  
Vou ler assistir escutar e cantar  
E nem por isso deixando de lado a  
produção cultural aqui do meu lugar  
E no fundo no fundo todos os homens  
vieram da África

Principalmente alguns povos como por  
exemplo o nascido e formado aqui nessa  
pátria  
E não se esqueça que cada cultura se  
forma de uma certa forma e cada  
sociedade cultiva suas normas mas junto  
nós todos formamos a humanidade que  
engloba todos os seres humanos  
Que podem se destacar dos outros  
animais pela sua capacidade de pensar  
Capacidade que muitas vezes não é  
utilizada  
E sendo assim não serve pra nada  
Mas eu penso, logo existo  
Existo logo penso e tento utilizar essa  
capacidade de raciocinar a todo momento  
Posso pensar na forma de Rap Livro  
Pintura ou Baião  
Posso pensar certo mas também tenho o  
direito de errar  
Vacilão  
Mas eu tento enxergar tudo e se eu não  
enxergasse amigo eu usava óculos  
Sou mais um inconformado sem partido  
feito a Denise Stoklos  
E eu falo pra todos aqueles que querem  
me ouvir e vão concordar ou discordar  
Talvez acordar  
Talvez me seguir ou talvez me vaiar (mas  
eu vou defecar)  
E eu falo "pro" meu conterrâneo, mas  
posso falar "pro" estrangeiro  
Mas, eu sou apenas um rapaz latino-  
americano  
Então em primeiro lugar o que eu falo é  
"pros" brasileiros  
Inclusive "pras" "Lôrabúrras", "pros"



playboys, pros militares, e "pros" crentes  
Pra todos os fdp carentes que sofrem com  
a dominação cultural

Seja com a doutrinação social militar  
religiosa ou de origem internacional  
Humanamente também "tô" do lado  
desses coitados que tão no caminho  
errado e por isso merecem e precisam ser  
esculachados

O brasileiro precisa fazer uma lavagem  
cerebral

Aproveitando o que vem lá de fora mas  
sem esquecer o nosso valor nacional

Cultural natural e da nossa história  
É triste me olhar no espelho e saber que  
pertencço a um povo sem memória

E por culpa da gente é que nada muda no  
país

A miséria é permanente desde que os  
primeiros portugueses chegaram aqui  
As deficiências dessa sociedade tão aqui  
desde cedo:

Fome, Corrupção, Desigualdade, Povo,  
covarde, Desemprego...

Antigamente o sistema escravista não  
dava espaço ao trabalho livre

Hoje os problemas são outros

O espaço ainda é pouco e a

superpopulação que o diga

E mesmo hoje em dia é bom que se  
lembre:

Os que trabalham não são homens livres  
e continuam escravizados como sempre

-Escravos- é isso o que somos

Escravos da própria falta de atitude

Alguns se iludem ficam esperando que  
alguma coisa mude...

Os mais afetados esquecem onde tão e  
aplaudem tudo o que for importado

Espero que tenha ficado bem claro de que  
lado eu "tô"

Apesar de ser um terráqueo

Gabriel O Pensador nunca vai se

esquecer o pedaço do planeta de onde ele  
saiu:

Esse pedaço bonito cansado sofrido e  
explorado chamado Brasil

Então se você só dá atenção para o que  
vem de fora não me dê atenção

Me jogue fora

(Tchau! Vou embora)(Vai!)(Não! Fica aí)  
Eu fico, "pra" alegria e satisfação parcial  
da nação

Trazendo uma nova linguagem uma nova  
forma de comunicação que muitos  
brasileiros ainda não conheciam: O Hip  
Hop

Que não tinha lbope porque muitos, não  
entendiam

Mas hoje ele é universal e até no Japão  
ele é assimilado

E pra quem achava uma droga depois  
dessa dose cuidado pra não se tornar  
viciado porque eu aplico Hip Hop

Na veia Na mente Na frente Nas costas  
No peito

E não me esqueço que sou brasileiro  
então eu fabrico Hip Hop do meu jeito

Do nosso jeito

Desse jeito que você nunca conheceu  
Com brasileiros tocando instrumentos ou  
mais Be Sample que a Fernanda Abreu  
(Rio 40°!)

É somente a capital cultural do território  
nacional que é o purgatório da beleza e do  
caos no verão ou no inverno

Purgatório que pra muitos é bem pior que  
o inferno

E ao mesmo tempo é o céu pra outros  
poucos sortudos

Brasileiros surdo-mudos que apesar de  
tudo está sorrindo para eles continuam

negando e cuspiendo naqueles que tão  
pedindo e sentindo "o gosto amargo desse  
nosso egoísmo que destrói os nossos  
corações"

Será, só imaginação?

Não, Não, Acho que não

E se você não quer realidade então vai  
ver televisão

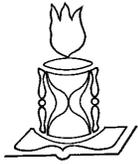
Mas eu "tô" na vida real e não quero fugir  
dessa realidade

E eu acho que até passava mal se me  
olhasse no espelho e enxergasse um  
covarde

Então eu vou continuar o idealismo que  
parece arte

E se precisar mudo até de nome feito o  
Chico Buarque

E "apesar de você" não se mexer



Não sei porquê sua anta  
Me escuta  
De que adianta ser filho da Santa?  
Melhor seria ser filho da luta  
Seria bom se tudo fosse um sonho e  
quando eu acordasse estivesse tudo lindo  
e pronto  
Mas isso nós não merecemos porque só  
vivemos dormindo no ponto  
Então eu tento ficar acordado até na cama  
quando eu tô dormindo  
E também não sou de nenhuma tribo  
urbana porque eu não sou totalmente  
índio  
Eu tenho um pouco de índio no sangue  
mas não no sangue inteiro  
Eu tenho um pouco de tudo no sangue  
porque eu sou brasileiro  
Mas o que eu definitivamente não tenho  
no sangue é vergonha de ser o que eu  
sou

E não sei porque os brasileiros não têm  
auto-estima e não se dão valor  
Mas eu me valorizo  
Minha cabeça  
Minhas idéias  
Meus amigos  
Minha liberdade de pensamento  
Minha terra  
O chão onde eu piso  
Meu estilo  
Minha cultura  
Os costumes e o povo de onde eu vivo  
Entre tantas outras coisas que eu valorizo  
e que depois você vai entender  
E você amigo? Valoriza o quê?

Fonte: <http://letras.mus.br/gabriel-pensador/66183/>

### Referências

AMADO, Jorge. (1997). *Dona-Flor e seus dois maridos*. 48ª edição. Rio de Janeiro: Record.

SCHWARCZ, Lilia. (2011). O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914. In: *Sociologia & Antropologia*, v.1, nº1, 2011, pp.119-150.

SILVA, Roberto Bitencourt da. (2007). O “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato: Identidade do Brasileiro e Visão do Brasil. *Revista 19&20*, v. II, n. 2, abr. 2007. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/resenhas/jecatatu\\_rb.htm](http://www.dezenovevinte.net/resenhas/jecatatu_rb.htm)  
Acessado em 02 de junho.

TABUADA das misturas. In: FREYRE, Gilberto. (2004). *Sobrados e Mucambos*. 15ª edição. São Paulo: Global.